

# Afogamento mata mais

Cidade

12/6/88, DOMINGO • 17

## em Brasília do que doenças

Rubens Araújo

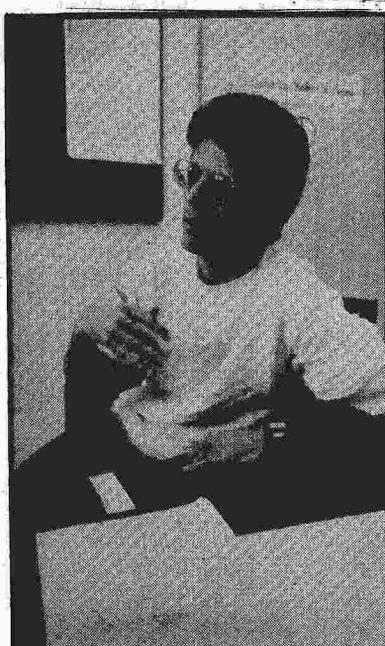
Os atropelamentos e afogamentos em Brasília matam mais do que as doenças, no período de 1 a 14 anos de idade. Pesquisa feita pelo Departamento de Saúde do DF mostra que, nessa faixa etária, as doenças não são as maiores responsáveis pelos óbitos. As lesões, provocadas principalmente por acidentes no trânsito, e envenenamentos representam 43% do total de mortalidade nessa faixa etária. Os dados são de 1985 e, nos últimos três anos, o quadro piorou, disse o sanitarista Demalson Carvalho.

"A maioria das pessoas tem muito mais medo de algumas doenças e não tem consciência do grande número de mortes por causa externa", constata a médica Corina Bontempo, uma das coordenadoras da pesquisa realizada pelo Departamento de Saúde. Ela adverte que a tendência é de que a mortalidade por causas externas aumente caso não sejam adotadas algumas medidas preventivas.

Dos 1.252 óbitos registrados em 1985, na faixa de 1 a 14 anos, 870 foram provocados por causas externas. "A pesquisa é muito importante, inclusive como estimulador da educação do trânsito, já que atropelamentos e acidentes de carros, entre as causas externas, são os maiores causadores de morte", afirma Corina. Das 870 pessoas que morreram por lesões e envenenamentos em 1985, na faixa etária estudada, 460 perderam a vida nas ruas, ou seja, 60 por cento.

Corina e Demalson consideram o problema gravíssimo. Lembram os dados do Detran segundo os quais de 1975 a 1985 o número de carros duplicou em Brasília, enquanto que nesse mesmo período o número de acidentes quadruplicou. Estatística crua que faz os dois médicos pensarem rapidamente na primeira solução para que a quantidade de acidentes diminua: a educação.

As doenças respiratórias foram responsáveis por 16,4% dos óbitos registrados em 1985, seguidas das enfermidades infecciosas e pa-



Demalson explica as causas

raras, cada uma com 9% do total de mortalidade na faixa de 1 a 14 anos.

A pesquisa do departamento traz dados preocupantes. Em 1983, as causas externas foram responsáveis por 30% de todos os óbitos. Em 1984, esse número aumentou muito pouco, passou para 30,3%. Em 1985, contudo, a estatística desandou e a porcentagem subiu para 42,2%.

### Afogamento

Depois dos atropelamentos e acidentes no trânsito, a causa externa que provoca mais morte é o afogamento. Fato que não chega a causar surpresa para quem conhece a geografia física e econômica de Brasília. Todo o Plano Piloto é contornado pela Lago Paranoá e a cidade é, comprovadamente, a que possui mais piscinas por metro quadrado. Existem mais de 12 mil piscinas na cidade, segundo as empresas de conservação.

O afogamento foi responsável por 16% das mortes por causa externa em 1985, ou seja, dos 870 óbitos por lesões e envenenamentos, 127 foram por esse motivo. E, segundo Corina e Demalson, a

maioria dos afogamentos aconteceu nas piscinas, principalmente as das mansões do Lago Norte: "Lá, a maior causa de mortes por causa externa foi o afogamento, maior mesmo que as mortes por atropelamento ou acidente de trânsito", informa Demalson.

No Lago Norte, não é raro ver casas com piscinas cercadas por grades ou redes, exatamente para que se evite o afogamento das crianças. Marilene (não quis dar o nome todo), que mora na QI-4, já teve grade em sua piscina. Motivo: medo. Ela cita um casal de amigos cujo filho morreu afogado na piscina: "Isso foi o bastante para que colocássemos grade". Tirou a grade porque os filhos "já estão grandes".

Olivia Dallacosta, também da QI-4, não tem mais filhos pequenos, mas conserva a grade preocupada com netos e sobrinhos. "É preciso tomar muito cuidado com as crianças", ensina. Maria Cecília Palhares não tem nada cercado sua piscina. Despreocupada acha que a melhor maneira de impedir o afogamento das crianças é "ficar de olhos bem abertos nelas".

### Asfixia

Em quarto lugar, na lista das causas externas que mais matam, está a asfixia por aspiração ou sufocação. Esse tipo de problema é responsável por 9,2% do total de mortes, entre 1 a 14 anos. Demalson explica que, nesse caso obviamente, a faixa mais atingida é a de crianças de 1 a 4 anos, que se engasgam com alimento ou com algum objeto sólido que colocam impensadamente na boca. "Esses casos são mais comuns nas famílias de baixa renda, cuja mãe vai trabalhar e deixa os filhos menores com os irmãos mais velhos", acrescenta o médico.

As quedas, os choques e outros pequenos acidentes domésticos mais incomuns significam 7,2% entre os óbitos por causas externas, enquanto que as queimaduras chegam a 5,3% dos casos, e a intoxicação exógena (ingestão de remédios, venenos e outras substâncias tóxicas) fecha o quadro com 2,6% das mortes.

## Desobediência causa acidentes

Em 1987 Brasília contabilizou 29.283 acidentes de trânsito, dos quais 4.959 com vítimas, e entre elas, 304 fatais. O Detran usou como base para esses dados os 343.299 veículos que circularam no ano passado. Em 88, o número de carros nas ruas está aumentando, o que aumenta também a possibilidade do acréscimo do número de acidentes.

O Detran adverte que a desobediência às regras de trânsito é a grande causa desses acidentes. Por isso, a prevenção está ligada diretamente com a atenção de pedestres e motoristas para as regras básicas de trânsito. A Gerência de Educação de Trânsito do DF-Geduc ensina que o primeiro cuidado do motorista deve ser com a velocidade: "A primeira causa de acidentes é o excesso de velocidade. Dirigir devagar, então, é a primeira atitude que o motorista deve tomar", diz Renzo Dini, gerente da Geduc.

Outras regras básicas devem ser observadas, como usar o cinto de segurança, manter o carro sempre em bom estado, para que uma falha técnica não seja fatal na hora do acidente; não dirigir cansado ou embriagado (as duas situações diminuem em boa parte o reflexo dos motoristas), redobrar a atenção em situações adversas (dias chuvosos ou com neblina, por exemplo) e, obviamente, respeitar os sinais de trânsito.

Para evitar os acidentes, os motoristas de veículos menores como bicicletas e motos devem, por sua vez, obedecer a uma série de detalhes importantes. Quanto ao motoqueiro, ele deve usar capacete (96% das mortes em acidentes com moto são provocados por traumatismo craniano). É importante andar sempre com o farol ligado, mesmo durante o dia, e usar roupas claras, para que o motoqueiro esteja totalmente visível ao motorista de carro.

Os ciclistas devem sempre verificar, antes de sair, se os freios da bicicleta estão em bom estado e se os pneus estão aderindo bem. Além disso, devem se preocupar em andar ao lado direito da rua, junto ao meio fio, e ultrapassar sempre pela esquerda fazendo sinal com a mão.

Os pedestres precisam estar atentos e seguir também certas regras. As básicas são: andar sempre nas calçadas, nunca nas pistas; atravessar a rua pela faixa de segurança, observar os luminosos, e quando não existirem, atravessar próximo às esquinas, onde os carros reduzem a velocidade.

### Primeiros socorros

Os atropelamentos estão em primeiro lugar entre as causas externas de morte na faixa de 1 a 14 anos em Brasília.

O pediatra Renato Ferreira, do Hospital Regional da Asa Norte, ensina que o primeiro cuidado que se deve ter com o atropelado é deixar o paciente com a coluna vertical e o mais ereto possível. A vertebra da coluna pode fazer com que uma vértebra quebrada, se existir, penetre na medula e ocasionar paralisia ou morte. A fratura deve ser imobilizada com duas tábuas ou papelões amarrados por um pano. No mais, é levar a vítima rapidamente para um hospital.

## É preciso educar a população

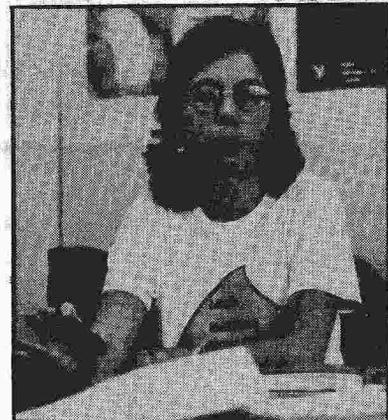
Luiz Tajés

"Se os adultos obedecessem as regras básicas do trânsito, como usar cintos de segurança, ou colocar as crianças sempre no banco de trás, os números de atropelamentos e acidentes assustariam menos", disse Corina Bontempo, do Departamento de Saúde. Para quem gosta de números, o plantão de polícia do Hospital Regional da Asa Norte-HRAN informa que, no mês de maio, chegaram ali sete vítimas de atropelamentos e colisões, apenas na faixa de 1 a 14 anos de idade. Entre elas, foi computada a morte de um menino de 13 anos.

O desabafo de Corina é o feijão-com-arroz das propagandas contra acidentes de trânsito, do governo. Todos os brasileiros já ouviram pelo menos uma vez na vida o alerta dos anúncios e o perigo que significa a desobediência às leis de trânsito. Renzo Dini, do Detran, acredita que a fiscalização dos guardas e a engenharia de trânsito (semáforos, placas e pinturas) em perfeito estado ajudam a diminuir a mortalidade no trânsito, mas como Corina, privilegia a educação.

Renzo é o titular da Gerência de Educação de Trânsito Geduc-DF. Desde 1978, ele vem tentando um trabalho de educação do trânsito para crianças e adultos. Um esforço homérico para quem tem apenas 11 comandados e 500 escolas públicas a cobrir. A impotência enerva Renzo, que apesar do pouco pessoal, conseguiu com seus professores passar noções de trânsito para 50 mil alunos de 102 estabelecimentos de ensino em 1987. É pouco? "Pouquíssimo", responde o gerente da Geduc.

O "reboque" é o convênio firmado entre a Fundação Educacional e o Departamento de Trânsito do Distrito Federal em abril de



Corina Bontempo: bom-senso

86. Segundo Yeda Lopes da Silva, chefe do Departamento Geral de Pedagogia, o trabalho da Fundação com educação de trânsito limita-se a esse convênio, cuja execução estaria a cargo da Geduc e os agentes setoriais do apoio pedagógico dos complexos educacionais. O convênio, porém, parece ser pouco conhecido.

Roberval, agente administrativo do Complexo A, nada sabia do convênio e nem qual a pessoa que no complexo era o responsável pela sua execução.

Dini diz que há falta de interesse da Fundação Educacional pelo convênio. "Se houvesse uma maior integração entre a Fundação e a Geduc, o nosso trabalho de educação poderia render muito mais. Bastava que tivéssemos 2 ou 3 professores de cada complexo para atuar conosco e tudo fluiria melhor. Só dois ou três seriam suficientes", reclama o gerente. Com a integração, a cobertura das escolas seria maior e com isso, a longo prazo, a diminuição de mortes, por atropelamento ou acidente de trânsito.

## Maior incidência nas piscinas

Prevenção — Na capital das piscinas, o afogamento entra com uma estatística significativa no quadro de mortes por causas externas. Em 85, no Lago Norte, o afogamento foi a principal causa de morte, maior mesmo que os atropelamentos e acidentes de trânsito. Só existem duas maneiras para prevenir o afogamento de crianças nas piscinas: a colocação de grade ou redes ao redor delas e a vigilância.

Primeiros-socorros em caso de afogamento — O afogamento é um acidente de asfixia por imersão prolongada em um meio líquido, com inundação e enchimento alveolar dos pulmões e graves distúrbios no equilíbrio do sal do corpo humano. De acordo com as estatísticas, nos grandes centros urbanos, e principalmente em Brasília, a maior frequência de afogamentos ocorre nas piscinas, e as vítimas fatais são em geral crianças de 2 a 13 anos.

Segundo o cabo Bemilson Lemos, do Corpo de Bombeiros do DF, o primeiro socorro do afogado deve ser a respiração boca a boca. "Comprovadamente, é método mais eficaz", garante. Bemilson afirma que é necessário colocar a vítima deitada de costas. Depois, deve-

se inclinar a cabeça para trás, erguendo o pescoço com uma das mãos, mantendo-a nessa posição.

Após essas medidas iniciais é preciso retirar da boca do afogado qualquer objeto que impeça a obstrução da via respiratória (dentaduras, por exemplo). O passo seguinte é colocar a boca sobre a boca da vítima por completo, fechar as narinas do afogado com os dedos polegar e indicador e soprar bem, até notar que o tórax da vítima está se levantando. O sopro tem que ser repetido de 15 a 20 vezes por minuto, no caso do adulto, e de 10 a 15 vezes no caso da criança. No caso ainda da criança, tem que se pressionar sua barriga, sempre que necessário, para evitar que esta encha de ar.

Se o afogado precisar de massagem cardíaca, o que se tem que fazer é deitá-lo de costas com os braços estendidos, sobre uma superfície dura. A seguir, o meio do tórax da vítima deve ser pressionado fortemente pela palma das duas mãos sobrepostas. É importante que somente as palmas da mão toquem o tórax do afogado. A pressão tem que ser feita de 60 a 80 vezes, no caso de adultos e de 80 a 100 vezes por minuto, no caso de crianças.